



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CFP
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA - UNAGEO
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

RENATA LUIZ MENDES

**UM OLHAR SOBRE O LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA: ESTUDO DE CASO
NO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A
PRÁTICA DOCENTE**

CAJAZEIRAS – PB

2018

RENATA LUIZ MENDES

**UM OLHAR SOBRE O LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA: ESTUDO DE CASO
NO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A
PRÁTICA DOCENTE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Geografia, da Universidade Federal de Campina Grande, no Centro de Formação de Professores, Campus Cajazeiras com a finalidade de obtenção do título de Graduanda no referido Curso.

Orientadora: Prof. Dra. Cícera Cecília Esmeraldo Alves

**CAJAZEIRAS – PB
2018**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva Lourenço - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

M538o Mendes, Renata Luiz.

Um olhar sobre o livro didático de geografia: estudo de caso no 6º Ano do Ensino Fundamental e sua contribuição para a prática docente / Renata Luiz Mendes. - Cajazeiras, 2018.

59f. : il.

Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Cícera Cecília Esmeraldo Alves.
Monografia (Licenciatura em Geografia) UFCG/CFP, 2018.

1. Geografia - livro didático. 2. Livro didático. 3. Geografia - ensino fundamental. 4. Professor de geografia. I. Alves, Cícera Cecília Esmeraldo. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

UFCG/CFP/BS

CDU -91:002(075)

RENATA LUIZ MENDES

**UM OLHAR SOBRE O LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA: ESTUDO DE CASO
NO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A
PRÁTICA DOCENTE**

Aprovada em: 06 / 08 / 2018

BANCA EXAMINADORA

Cícera Cecília Esmeraldo Alves

Professora Dra. Cícera Cecília Esmeraldo Alves (CFP/UFCG - Orientadora)

Ivanalda Dantas Nóbrega Di Lorenzo

Professora Dra. Ivanalda Dantas Nóbrega Di Lorenzo (CFP/UFCG – Examinador I)

David Luiz Rodrigues de Almeida

Professor Me. David Luiz Rodrigues de Almeida (CFP/UFCG – Examinador II)

**CAJAZEIRAS – PB
2018**

Ao meu Deus, meu pai, minha mãe, aos meus irmãos, aos meus avós, aos meus tios e tias e aos demais familiares e amigos que comigo convivem e apreciam as belezas da vida, dedico.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por mais uma etapa concluída em minha vida, pois sem Ele todo esforço seria em vão, por isso expresso aqui minha gratidão pelo milagre da vida e pelas bênçãos derramadas durante a minha trajetória.

À minha família, pelo carinho nos momentos de solidão, pelas palavras de incentivo e a compreensão pela falta de tempo e atenção; Agradeço, principalmente, pelas orações.

A minha mãe, Maria de Lourdes, pela compreensão e o apoio durante todos esses anos de Curso e por ter me ensinado, desde criança, que a maior riqueza que se dá a um filho é o conhecimento. Minha eterna gratidão por não medir esforços para que eu pudesse chegar até aqui.

Ao meu pai Osório, pelos anos que trabalhou de Sol a Sol para o sustento da nossa família, e para proporcionar uma educação de qualidade para os seus filhos. Se hoje cheguei até aqui, em parte, isso eu devo ao Senhor, meu pai.

Aos meus irmãos, Raquel e Roberto, pelo incentivo nos momentos difíceis da minha Graduação e pelo incentivo em continuar.

Aos meus tios, pela presença em todas as etapas da minha formação profissional, e de maneira especial aos meus tio(as) Ricardo, Ilzanete e Fábria.

À Professora, Dra. Cícera Cecília Esmeraldo Alves, pela aceitação em orientar meu trabalho; pela perseverança, paciência e dedicação.

A todos os professores e professoras do Curso de Licenciatura em Geografia do Centro de Formação de Professores (CFP), pelas contribuições e pelo comprometimento com a minha formação profissional.

A Professora Dra. Ivanalda Dantas Nóbrega Di Lorenzo e ao Professor Me. David Luiz Rodrigues de Almeida, membros da Banca Examinadora.

A todos os meus amigos do Curso de Geografia da turma 2013.2, principalmente a Felipe, Ana Elizabeth, Amanda, David, Alessandra e Ailmo (*in memoriam*) por me ajudarem nos momentos mais difíceis do processo monográfico e pela paciência por me ouvirem, Levarei vocês comigo a vida inteira.

Por fim, à Professora Ivaneide Dantas de Sousa, da Escola Municipal Maria do Carmo Pedroza Mendes, pela atenção dedicada nos dias de pesquisa.

RESUMO

O presente estudo traz uma reflexão sobre o uso do livro didático, especificamente, nas aulas de Geografia na Rede Municipal. Pesquisas sobre o livro didático vêm sendo desenvolvidas para entender a sua eficácia no processo de ensino-aprendizagem. O livro didático traz em seus conteúdos conceitos e informações capazes de conduzir o professor de Geografia no processo de ensino-aprendizagem em sala de aula, levando em consideração a realidade em que se inserem os educandos. A presente pesquisa surgiu das experiências vivenciadas nos estágios supervisionados na E.M.E.F Maria do Carmo Pedroza Mendes, na Rede Municipal da Cidade de Nazarezinho-PB. A pesquisa procurou compreender como o livro didático de Geografia do 6^a Ano do Ensino Fundamental contribui para o ensino desta disciplina, a partir da metodologia utilizada em sala de aula pelo professor. Para o desenvolvimento da pesquisa foram feitas buscas em fontes bibliográficas de vários autores como Pontuschka (2013), Bittencourt (1993) e Oliveira (1984), analisando os conteúdos do livro didático do 6^o Ano para um entendimento sobre os seus conteúdos. A obtenção de informações fez-se necessário mediante a elaboração e aplicação de questionário a professora de Geografia do 6^a Ano perguntou-se informações sobre o uso do livro didático em suas aulas. Com os dados coletados e analisados percebemos que o livro didático ainda está presente na sala de aula como principal e mais utilizado recurso. A pesquisa teve início no mês de Outubro de 2017, estendendo-se até Maio de 2018.

Palavras-chave: Livro Didático. Conteúdos. Professor de Geografia.

ABSTRACT

The present study brings a reflection on the use of the didactic book, specifically, in the classes of Geography in the Municipal Network. Research on the textbook has been developed to understand its effectiveness in the teaching and learning process. The textbook brings in its contents concepts and information capable of leading the teacher of Geography in the process of teaching and learning in the classroom, taking into account the reality that surrounds the life of learners. The present research arose from the experiences lived in the supervised internships at E.M.E.F Maria do Carmo Pedrosa Mendes in the Municipal Network of the City of Nazarezinho-PB. The research sought to understand how the textbook of Geography of the 6th year of the initial years of Elementary School contributes to the teaching of this discipline, based on the methodology used in the classroom by the teacher. For the development of the research, bibliographical sources were searched by Pontuschka (2013), Bittencourt (1993) and Oliveira (1984), analyzing the contents of the 6th grade textbook for an understanding of its contents. As data collection, it was necessary to prepare and application a questionnaire to the Geography teacher of the 6th year to obtain information about the use of the textbook in her classes. With the data collected and analyzed we noticed that the textbook is still present in the classroom as the main and most used resource, however, we conclude that the traditional teaching still persists in schools even in the face of so much technology and varied methodological resources. The research began in October 2017, extending until May 2018.

Keywords: Didactic Book. Contents. Geography Teacher.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

COLTED – Comissão do Livro Técnico e Livro Didático

CNLD – Comissão Nacional do Livro Didático

DCN – Diretrizes Curriculares Nacionais

FENAME – Fundação Nacional do Material Escolar

FAE – Fundação de Assistência ao Estudante

FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INLD – Instituto Nacional do Livro Didático

INL – Instituto Nacional do Livro

LD – Livro Didático

LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC – Ministério da Educação

PNE – Plano Nacional da Educação

PNLD – Programa Nacional do Livro Didático

PB – Paraíba

PLIDEF – Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental

UFCG – Universidade Federal de Campina Grande

UNAGEO – Unidade Acadêmica de Geografia

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 - Imagem do livro didático do 6º Ano.....	27
Figura 2 - Mapa de localização do município de Nazarezinho-PB.....	29
Figura 3 - Abordagem da categoria espaço no livro didático do 6º Ano.....	36
Figura 4 -. Abordagem da categoria lugar no livro didático do 6º Ano.....	37
Figura 5 - Abordagem da categoria paisagem no livro didático do 6º Ano.....	38

LISTA DE TABELAS

Tabela1 - Aperfeiçoamento do PNLD.....	21
Tabela 2 - Distribuição do livro didático pelo PNLD 2017.....	24

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice A - Questionário para Professores.....	55
Apêndice B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	58

SUMÁRIO

1	CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO.....	14
2	O LIVRO DIDÁTICO NUMA PERSPECTIVA HISTÓRICA: UMA ANÁLISE INICIAL.....	17
2.1	Livro Didático e as Diretrizes Curriculares.....	17
2.2	Plano Nacional do Livro Didático - PNLD: Algumas Colocações.....	20
2.3	Perspectivas do Uso do Livro Didático em Sala de Aula.....	24
3	USOS E FUNÇÕES DO LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA E SEUS CONTEÚDOS NA ESCOLA MARIA DO CARMO PEDROZA MENDES.....	28
3.1	O Livro Didático de Geografia no Cotidiano Escolar.....	29
3.2	Onde Encontrar Espaço, Lugar e Paisagem nos Conteúdos do Livro.....	33
3.3	A Imagem como elemento contido no LD: Um Recurso Metodológico para Ensinar Geografia.....	39
4	O PROFESSOR, O LIVRO DIDÁTICO E SUA IMPORTÂNCIA NAS PRÁTICAS DOCENTES NO ENSINO DE GEOGRAFIA.....	41
4.1	O Papel do Professor no Processo Ensino-Aprendizagem.....	41
4.2	O Professor, o Livro Didático e a Realidade em Sala de Aula.....	44
5	CONSIDERAÇÕES.....	48
	REFERÊNCIAS	50
	APÊNDICES.....	54

1 INTRODUÇÃO

O livro didático esteve presente em praticamente todo o desenvolvimento da Geografia escolar brasileira, Segundo Bittencourt (1993) sua origem está vinculada ao poder instituído. A articulação entre a produção didática e o nascimento do sistema educacional, estabelecido pelo estado, distingue o livro didático dos demais livros, nos quais há menor nitidez da interferência de agentes externos em sua elaboração.

Enquanto disciplina escolar, a Geografia está institucionalizada no Brasil desde o início do século XIX (VESENTINI, 2004), passando por períodos de declínio e de aprimoramento. Atualmente a Geografia é disciplina do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental e do 1º ao 3º ano do Ensino Médio, totalizando na vida escolar doze anos de estudos de Geografia. Durante todo esse percurso, a cada ano, novos conteúdos foram apresentados e difundidos pelos professores, a partir e, por meio dos livros didáticos (LD).

Os livros didáticos têm presença significativa no dia a dia das salas de aulas nas escolas de Ensino Fundamental e Médio, no Brasil sendo, o mesmo, instrumento indispensável para o trabalho do professor, no processo de ensino-aprendizagem. O LD se tornou um recurso orientador dos educandos na divulgação do conhecimento devido à distribuição desse veículo de aprendizagem ser gratuita para as escolas públicas municipais e estaduais. O livro didático, nesse contexto, traz os conteúdos adotados para o currículo nas disciplinas escolares, sendo o instrumento mais acessível dentro da sala de aula.

Diante do exposto entende-se que o LD não pode ser concebido como um simples livro-texto de leitura em sala de aula ou fora dela. Esse instrumento deverá ser utilizado como um recurso dinâmico, estimulante e indispensável de estudo e pesquisas servindo como orientador de conteúdos, auxiliador de novas experiências e, principalmente como estimulador de discursos e descobertas por parte dos educandos. Está disponível para o uso em tempo integral, ou seja, tanto o educador como o educando são portadores desse instrumento, podendo fazer a qualquer momento.

No ensino escolar é necessário ensinar e aprender a trabalhar com as informações para construir o conhecimento, ou seja, elaborar a informação pensada, refletida e sistematizada. Esta discussão e questionamento sobre o livro didático, ensino de geografia e recurso didático surgiu durante os estágios supervisionados na escola pública da Cidade de Nazarezinho-PB, onde foi possível perceber, a partir das observações, que o livro didático estava sendo deixado de lado durante as aulas de Geografia.

O objetivo geral deste trabalho é compreender como o livro didático de Geografia do 6º ano do Ensino Fundamental contribui para o ensino desta disciplina, considerando também a metodologia utilizada em sala de aula pelo professor.

Para atender ao objetivo geral, elencamos como objetivos específicos:

- Discutir sobre a perspectiva histórica do Livro Didático e sua importância como recurso no processo de ensino aprendizagem;
- Investigar usos e funções atribuídas ao livro didático de Geografia e seus conceitos geográficos no cotidiano escolar;
- Refletir sobre o livro didático e a sua importância nas práticas docentes do ensino de Geografia.

A fundamentação teórica deste trabalho se estruturou em textos e obras dos seguintes autores: Bittencour (1993), Fonseca (2010), Masetto (1997), Freitas (2002), Cavalcanti (1996), Pontuschka (2013), Silva (2004), Freire (1996), Sousa (2007), Lopes (2007) e outros. Estes autores estão relacionados aos temas: história e conceitos no livro didático; cultura escolar, saber científico e saber escolar; publicação e produção do livro didático de Geografia; análise de livros didáticos e usos destes, temas tratados neste trabalho de conclusão de curso (TCC).

Como procedimentos metodológicos para realização dessa pesquisa foram utilizadas: primeiramente um levantamento bibliográfico, buscando oferecer um suporte teórico e consistente para a elaboração da pesquisa; análise do livro didático do 6º Ano do Ensino Fundamental “Expedições Geográficas” tendo como autores Melhem Adas e Sergio Adas e, por último, um questionário aplicado à professora de Geografia.

Dessa forma a pesquisa está estruturada em quatro capítulos apresentada da seguinte maneira: no primeiro capítulo, a introdução no qual consta a problemática da pesquisa, os objetivos e a estrutura do trabalho.

O segundo capítulo está dividido em três subtítulos, nos quais há uma abordagem inicial histórica sobre o livro didático, destacando também uma discussão sobre o PNLD que é uma política pública voltada para a educação.

O terceiro capítulo deste trabalho está voltado para a análise dos conteúdos do livro didático, a partir dos conceitos geográficos: lugar, paisagem e espaço em relação às imagens/figuras que estão presente no livro didático de Geografia e sua importância nas aulas.

O quarto e último capítulo mostra os resultados da pesquisa, a partir da aplicação de questionários direcionado ao professor de Geografia do 6º Ano do Ensino Fundamental. Esse capítulo traz uma discussão sobre a importância do professor no processo de ensino-aprendizagem e a partir da análise do questionário identificando, o perfil do professor e a forma como esse docente tem utilizado o livro didático de Geografia em sala de aula.

As considerações finais finalizam todo o trabalho. Fizemos algumas colocações apresentando a estreita relação que o livro didático e seus múltiplos usos tem com o ensino de Geografia, deixando algumas reflexões que nos fazem repensar a nossa prática pedagógica enquanto professores de Geografia.

2 O LIVRO DIDÁTICO NUMA PERSPECTIVA HISTÓRICA: UMA ANÁLISE INICIAL

Falar de educação na escola cabe retratar a importância do livro didático, enquanto recurso didático e metodológico dentro e fora do espaço escolar, que é peça fundamental para o conhecimento e aprendizagem dos alunos, desde que sua utilização seja de forma apropriada às necessidades dos educandos.

Tendo em vista a realidade das escolas brasileiras, o livro didático ainda se constitui como sendo o principal recurso teórico-metodológico e é um meio de comunicação, conhecimento e um instrumento de trabalho dos professores, sendo considerado essencial no processo de escolarização e, no cotidiano educacional.

Esse capítulo aborda o uso do livro didático no espaço escolar e suas funções que permitem uma diversificação no processo de ensino-aprendizagem de Geografia escolar procurando assim, apresentar o livro didático como recurso didático presente na sala de aula. Em seguida, caracterizamos o PNLD e suas transformações ao longo dos anos. Essa reflexão tem como objetivo compreender o uso do livro didático de Geografia no contexto educacional.

2.1. Livro Didático e as Diretrizes Curriculares

Atualmente, no Brasil, o referencial curricular para o Ensino Fundamental e Médio é um conjunto de documentos denominados Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), Plano Nacional de Educação (PNE) e Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN). Os PCN são um dos referenciais que se constituem como:

Os Parâmetros Curriculares Nacionais constituem um referencial de qualidade para a educação no Ensino Fundamental em todo o País. Sua função é orientar e garantir a coerência dos investimentos no sistema educacional, socializando discussões, pesquisas e recomendações, subsidiando a participação de técnicos e professores brasileiros, principalmente daqueles que se encontram mais isolados, com menor contato com a produção pedagógica atual. (BRASIL, 1997, p.13).

Os primeiros PCN foram elaborados após a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) Nº 9394/96, e chegou às escolas ao final de 1997 e, início de 1998. Estes documentos foram os que, em grande medida, determinaram os conteúdos e proposições dos livros didáticos. Nos PCN, estão apresentados os objetivos e conteúdos a

serem trabalhados nas diferentes séries, em todas as instituições de ensino do país, apesar de o mesmo afirmar que:

Por sua natureza aberta, configuram uma proposta flexível, a ser concretizada nas decisões regionais e locais sobre currículos e sobre programas de transformação da realidade educacional empreendidos pelas autoridades governamentais, pelas escolas e pelos professores. Não configuram, portanto um modelo curricular homogêneo e impositivo, que sobreporia à competência política-executiva dos estados e municípios, a diversidade sociocultural das diferentes regiões do país ou a autonomia de professores e equipes pedagógicas (BRASIL, 1997, p.13).

Este tem sido um dos referenciais curriculares seguidos em grande parte das redes de ensino, sejam estaduais ou municipais, a despeito de seus currículos. Isto ocorre, principalmente, em virtude da ausência ou da precariedade das discussões curriculares em cada uma das unidades administrativas e também em função de que os processos de avaliação da educação básica e os livros didáticos também são elaborados, tendo como base este documento, o que contradiz o que está posto em sua introdução.

Diante dessas e outras mudanças dentro do âmbito educacional o governo brasileiro vem adotando estratégias para melhorar a universalização do ensino, visto que a sociedade sofre mudanças todos os dias, mudanças essas que afetam direta ou indiretamente a escola. É sabido por todos que o Estado e o Governo são as duas grandes instâncias que podem definir o currículo. Enquanto ao Estado é atribuída a função de organizar o sistema, ao Governo cabe a função de programar políticas para que a educação atinja seus objetivos.

O currículo, nesse sentido, parte da problemática do que deveria ser ensinado dentro das escolas para que os estudantes se tornem seres pensantes, já que a escola é atribuída à função de transmitir as gerações futuras o conhecimento produzido pela humanidade e esse conhecimento é a base para se formar cidadãos que estejam preparados para exercer a cidadania e mudar o cenário em que vivem.

Em meios às mudanças educacionais surge o mercado editorial relacionado ao LD. Esse mercado se responsabiliza por organizar os conteúdos a serem ministrados em sala. Uma tarefa que antes era feita apenas pelo professor, que era quem escolhia aquilo que achava melhor para suas turmas. Existem comissões formadas pelos governos para escolher que livros didáticos estão melhores adequados às necessidades dos educandos de acordo com essas mudanças. Os PCN são um norte usado para tentar adequar o currículo para as novas realidades educacionais.

Os PCN elencam algumas das competências a serem alcançadas pelos educandos durante o seu trajeto escolar, e como a escola pode ajudar no desenvolvimento cognitivo

deste.. A formação de alunos leitores é uma delas, o que para o ensino da Geografia e de todas as outras disciplinas é de suma importância, já que o aluno precisa compreender o mundo que o rodeia, ser crítico, ser sociável, ser cidadão.

Desta maneira, os PCN e as Diretrizes da Educação Básica (LDEB) se configuram, hoje, no Brasil, como referências curriculares que direcionam o trabalho docente nas instituições de ensino. Embora apontem para uma discussão interdisciplinar, manteve em sua estrutura e organização a divisão disciplinar, e, no caso dos PCN, acrescentaram os temas transversais em torno de questões sociais que podem ser tratadas por todos os professores em qualquer disciplina.

Diante do exposto podemos afirmar que os PCN além de apontar caminhos para uma educação renovada, trazem em seu interior inúmeras contribuições teóricas que podem contribuir para a prática docente e para a reflexão do currículo desenvolvido pela escola, sua eficácia e a necessidade de adequá-lo as reais necessidades que surgem nas diversas instituições escolares.

O PCN de Geografia tem como objetivo nortear o trabalho do professor para que este coloque diante de seus alunos diferentes situações de vivências nos lugares, dessa forma o aluno terá a oportunidade de refletir sobre o seu meio e elaborar novos conhecimentos sobre as relações que se dão, constrói e transformam o espaço geográfico.

É necessário enfatizar que os PCN funcionam como modelo e por esse motivo não é obrigatória o seu seguimento, mas no ensino da Geografia o que se discute nos dias atuais é um ensino voltado para a reflexão, para a abordagem crítica, e não mais para um ensino baseado em decorar conteúdos como foi outrora. Esse ensino tradicional era baseado em decorar conteúdos, sendo o conteúdo dado de forma fracionada sem dar a oportunidade de refletir sobre o exposto.

Quanto ao currículo, pesquisas mostram que inúmeras questões fazem com que o país tenha dificuldades para elaborar um currículo comum a todos. Entre elas as questões burocráticas de cada secretaria de Educação, a disposição dos profissionais e uma mais relevante, que é o fato das avaliações externas serem baseadas nos PCN, o que faz com que, embora não sejam obrigatórios, os PCN configuram hoje, o território brasileiro, a única referência curricular para nortear o trabalho dos docentes nas mais diversas instituições escolares.

Sabemos que o currículo foi uma forma de padronização do conhecimento a ser trabalhado na escola para que o mesmo atingisse a todos os envolvidos na educação,

principalmente os educandos, mas não se deve entender o currículo escolar apenas como algo que norteia conteúdos, mas que envolve também:

questões de poder, tanto nas relações professor/aluno e administrador/professor, quanto em todas as relações que permeiam o cotidiano da escola e fora dela, ou seja, envolve relações de classes sociais (classe dominante/classe dominada) e questões raciais, étnicas e de gênero, não se restringindo a uma questão de conteúdos. (HORNBERG e SILVA, 2007, p.1).

O currículo nessa perspectiva influencia além do conhecimento técnico dentro do âmbito escolar, as relações humanas existentes e o conhecimento global que o ser humano terá para se tornar um cidadão coerente.

2.2 Programa Nacional do Livro Didático – (PNLD): Algumas Colocações

O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) faz parte das políticas públicas para educação, e tem como objetivo principal distribuir livros didáticos a estudantes de toda rede pública do Brasil. O PNLD é o mais antigo programa votado à distribuição de LD aos estudantes da rede pública de ensino brasileiro. Esse programa teve início com outra denominação e veio se aperfeiçoando ao longo de 80 anos, tendo diferentes nomes e formas de execução até chegar ao PNLD, conforme tabela 01.

Tabela 01: Aperfeiçoamento do PNLD

ANO	PROGRAMAS	OBJETIVOS
1937	Instituto Nacional do Livro (INL)	Distribuição de obras Didáticas
1938	Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD)	Controle de produção e circulação do livro didático no país
1945	Condições de produção, importação e utilização do livro didático	Restringi ao professor a escolha do livro didático a ser utilizado pelos alunos
1966	Comissão do Livro Técnico e Livro Didático (COLTED)	Objetivo de coordenar as ações referentes à produção, edição e distribuição do Livro Didático.
1970	Sistema de coedição de Livros	Utilização com recursos do (INLD)
1971	Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental (PLIDEF)	Assume as atribuições administrativas e de gerenciamento dos recursos financeiros
1976	Fundação Nacional do Material Escolar (FENAME)	Torna-se responsável pela execução do programa do livro didático
1983	Fundação de Assistência ao Estudante (FAE)	Propõe a participação dos professores na escolha do livro didático
1985	Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)	Indicação do livro didático pelo professor de cada disciplina

Fonte: FNDE (2018¹), Adaptado por Renata Luiz Mendes, 18 de Jul. de 2018.

Com essa distribuição do Livro Didático (LD) pelo PNLD são atendidos diferentes componentes curriculares: Matemática, Língua Portuguesa, História, Geografia, Ciências, Física, Química, Biologia, Língua Estrangeira Moderna (Inglês ou Espanhol), Filosofia, Sociologia, Arte e, mais recentemente, o livro didático de Educação Física.

Os livros são utilizados durante três anos consecutivos até que haja uma nova escolha, mas há também alguns desses livros didáticos que são os chamados consumíveis, ou seja, que o aluno não precisa devolver para a escola no final do ano letivo. Estes são mais utilizados no nível Fundamental I, o que permite a realização de atividades escritas no próprio Livro Didático (LD).

Segundo o exposto, fica claro que o LD é um material que se difere dos outros tipos de materiais existentes na educação ou fora dela, não só por seu conteúdo, mas também por conter objetivos de cunho pedagógico que se direcionam para um público específico, trazendo

¹<http://www.fnde.gov.br/programas/programas-do-livro/livro-didatico/historico>

elementos socioculturais que permitem a ampliação da visão de quem o maneja. Segundo Oliveira (et. al. 1984, p. 21 e 22)

1) Livro de consumo obrigatório, dirigido a um público cativo; 2) tendo um mercado diferente, o livro didático e outros tipos de livro diferem não apenas pelos tipos de público que visam, mas também pelo comportamento dos consumidores; 3) grande tiragem, nunca inferior a 50% do total dos livros produzidos anualmente no Brasil, segundo análises estatísticas sobre o volume de produção editorial (Anuário IBGE) 4) um livro genuinamente nacional pelo menos a partir de uma determinada época da história da produção nacional.

Foi a partir da implantação do PNLD que os professores da rede pública passaram a ter um maior contato com o LD. Devido ao nível socioeconômico da clientela, muitos professores deixavam de adotar o material, pois verificamos atualmente que a relação do professor com o livro didático está relacionada com classes altamente hierarquizadas ao longo das políticas educacionais brasileiras. Como afirma Silva (1996, p. 11):

Costumo lembrar que o livro didático é uma tradição tão forte dentro da educação brasileira que o seu acolhimento independente da vontade e da decisão dos professores. Sustenta essa tradição o olhar saudosista dos pais, a organização escolar como um todo, o marketing das editoras e o próprio imaginário que orienta as decisões pedagógicas do educador. Não é a toa que a imagem estilizada do professor apresenta-o como um livro nas mãos, dando a entender que o ensino, o livro e o conhecimento são elementos inseparáveis, indicotomizáveis. E aprender, dentro das fronteiras do contexto escolar, significa atender às liturgias dos livros, dentre as quais se destaca aquela do livro “didático”: comprar na livraria no início de cada ano letivo, usar ao ritmo do professor, trazer as lições, chegar à metade ou aos três quartos do conteúdo ali inscritos e dizer amém, pois é assim mesmo (e somente assim) que se aprende

O PNLD é um dos vários outros deveres do Estado quando falamos de educação e em relação principalmente a distribuição de materiais didático-pedagógicos, passando a ter um caráter universal e obrigatório sendo voltado para aqueles que têm direito a educação. Conforme Höfling (2000, [s.p]):

A distribuição gratuita do livro didático tradicionalmente vem sendo entendida como uma das funções do Estado no que se refere ao fornecimento do material didático-pedagógico. Mesmo que seja possível uma interpretação mais elástica em relação a essa obrigatoriedade, o próprio governo considera seu empenho na compra e distribuição gratuita de livro às escolas, como uma tarefa essencial no atendimento à população escolar. O PNLD é sistematicamente mencionado, e até mesmo politicamente usado, para referendar o nomeado “sucesso” da política educacional brasileira. É um programa de proporções gigantescas, envolvendo em seu planejamento e implementação questões também gigantescas. Para a otimização do PNLD, a descentralização de sua execução tem sido colocada como meta fundamental.

Como afirma Höfling, o PNLD é considerado pelo Governo, uma das ações que visam à implementação das políticas educacionais brasileira, e também por ser um do programa-vitrine de vários governos, o PNLD funciona atualmente de forma centralizada. Uma das positivities do PNLD é exatamente possibilitar ao aluno da escola pública o uso do livro didático como material de apoio no processo de ensino-aprendizagem.

A escolha do LD a ser utilizado no Ensino Fundamental (Anos Iniciais), Ensino Fundamental (Anos Finais) e Ensino Médio é feito em forma de alternância e compreende seu uso durante três anos e durante cada etapa de formação. Nesse contexto faz-se necessário lembrar que é o FNDE que se responsabiliza pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) que tem como principal objetivo a distribuição de coleções de livros didáticos aos alunos da Educação Básica. O fundo disponibiliza ainda acervos de obras literárias, obras complementares e obras em versões acessíveis (áudio, Braille e MecDaisy).

O PNLD traz diversas mudanças, entre elas está à indicação do livro didático pelos professores, que é algo pertinente, visto que, são eles que estão no cotidiano escolar e conhecem os educandos e a reutilização do livro, resultando assim na retirada do livro descartável, visando a maior durabilidade do livro e o fim da participação financeira dos Estados, garantindo assim a escolha do livro didático a critério dos professores.

O PNLD 2017 atende a todos os alunos dos Anos Finais do Ensino Fundamental com livros didáticos consumíveis e reutilizáveis. Conforme vemos a seguir:

Tabela 02: Distribuição do livro didático pelo PNLD 2017

Ano Do PNLD	Atendimento	Escolas Beneficiadas	Alunos Beneficiados	Exemplares	Valores (R\$)
					Aquisição
PNLD 2017	Ensino Fundamental: 1º ao 5º Ano	96.632	12.347.961	39.524.100	319.236.954,79
	Ensino Fundamental: 6º ao 9º Ano	49.702	10.238.539	79.216.538	639.501.256,49
	Subtotal: Ensino Fundamental	146.334	22.586.500	118.740.638	958.738.216,28
	Ensino Médio:1º a 3º Ano	20.228	6.830.011	33.611.125	337.172.553,45
	Total do PNLD 2017	166.562	29.416.511	152.51.763	1.295.910.769,73

Fonte: FNDE (2017²), Adaptado por Renata Luiz Mendes, 18 de Jul. de 2018.

Assim podemos perceber que o LD é um produto mercadológico, ou seja, tem como objetivo transmitir uma série de informações aos seus usuários. Ele é fruto de um trabalho entre editoras, autores e entre outros profissionais que trabalham e obedecem as lógicas do mercado e do modo de produção vigente. A sua distribuição em escala macro acaba constituindo-se em um grande formador de opinião do seu público (alunos, professores e pais) que acaba sendo influenciado pelo que o livro traz em suas entrelinhas.

2.3 Perspectivas do Uso do Livro Didático em Sala de Aula

Desde a Grécia Antiga, já existia a preocupação em se fazer livros que auxiliassem a aprendizagem. Diferentemente de sua formatação atual, o LD era uma coletânea de textos retirados de clássicos que deveriam ser lidos em sala de aula.

O cotidiano do espaço escolar nos revela que o LD é um instrumento de ação constante e que ainda encontramos muitos educadores que o transformam em um mero compêndio de informações, ou seja, acabam utilizando o livro didático como um *fim* e não como um *meio* no processo de aprendizagem. O uso do livro serve como ponto de apoio na aula no processo de construção do conhecimento para que o professor pudesse, a partir dele, ampliar os conteúdos,

²<http://www.fnde.gov.br/programas/programas-do-livro/livro-didatico/dados-estatisticos>

ou até mesmo outros recursos, não o transformando assim no objetivo principal das aulas de Geografia.

O uso do LD em sala nos faz refletir em três relações que são os pilares para uma boa convivência e principalmente aprendizagem no cotidiano escolar e entre os sujeitos que a utilizam: (professor/aluno); a dos métodos e conteúdos (professor/metodologia/alunos) e dos espaços sociais (livro didático/contexto social).

Segundo Rojo (1998) existe pelo menos três maneiras com que a escola lida com o livro didático: o docente pode utilizar o LD para a consulta de textos ou exercícios incrementando sua aula; o livro didático pode vir a substituir o currículo feito pelo professor ou pode ser um instrumento de apoio pedagógico se estiver subordinado aos objetivos do docente.

A escolha do livro didático está diretamente ligada ao seu uso, por exemplo, se a escola adota como metodologia de ensino a pedagogia de projetos, seria ideal um livro que também tivesse esse formato. É nessa abordagem que alguns professores garantem em suas falas que a escolha do livro perpassa principalmente pelo seu conteúdo.

Ao utilizar o livro didático como recurso em sala de aula é necessário conhecer o método e as abordagens utilizadas para trabalhar os conceitos em sala, assim a importância do professor está inserido na escolha do livro didático observando sua estrutura de conteúdos e sua relação com a realidade vivenciada pelos alunos.

O uso do livro didático tem se tornado cada vez mais intenso a partir da implantação de políticas criadas pelo Estado para sua adoção nas escolas públicas do país. Portanto, para compreender a importância do uso do livro didático como instrumento pedagógico na sala de aula é necessário que possamos analisar o que caracteriza o livro didático; quais suas finalidades; seu uso e significado em sala de aula.

Nesse sentido, Bittencourt (2004) compreende que o livro didático torna-se um objeto bastante complexo, porque abriga ao mesmo tempo características diversas adquiridas historicamente. Entre elas, podemos destacar: o livro didático enquanto mercadoria: produto do mercado editorial ele é produzido para atender a uma demanda cada vez maior e mais exigente, por isso, tende a acompanhar as regras de um padrão tecnológico para uma boa produção, circulação e comercialização; depositário de conteúdos educacionais diversos e suporte de conhecimentos fundamentais para um modelo de sociedade em uma determinada época.

Nesta perspectiva podemos identificar a estreita relação que se estabelece entre as finalidades do livro didático e o modelo de sociedade que os utiliza e, finalmente, instrumento

pedagógico inscrito em uma longa tradição, bem como um veículo de sistema de valores e ideologias de uma determinada cultura existente.

O livro didático é um meio de comunicação, de conhecimentos, dentro e fora da escola; é um instrumento de trabalho de professores e alunos, sendo considerado essencial na escolarização e no cotidiano educacional. É através dele que podemos viajar pelo mundo e descobrir saberes com a leitura, proporcionando aprendizados que possam ser relacionados com as noções vividas dos próprios alunos. Como nos afirma Bittencourt (2001, p.73):

Ele é portador de textos que auxiliam, ou podem auxiliar o domínio da leitura escrita em todos os níveis de escolarização, serve para ampliar informações, veiculando e divulgando, com uma linguagem mais acessível, o saber científico. Possibilita, igualmente, a articulação em suas páginas de outras linguagens além da escrita, que podem fornecer ao estudante uma maior autonomia frente ao conhecimento. Por seu intermédio, o conteúdo programático da disciplina torna-se explícito e, dessa forma, tem condições de auxiliar a aquisição de conceitos básicos do saber acumulado pelos métodos e pelo rigor científico.

A sociedade atual passa por mudanças que são marcadas pelos avanços das novas tecnologias modificando a vida dos cidadãos e exigindo qualificação profissional. Analisando essa questão a educação é considerada como fundamental para o aprendizado e nela se destaca o livro didático como um dos principais instrumentos de ensino/aprendizagem no ensino de Geografia.

A sociedade se modificou. As tecnologias ganharam espaço. Uma nova era se desenha diante dos olhos de todos, é a era da informação em tempo real, ou seja, o conhecimento em mudança constante e veloz. O conhecimento é acessível as mais diversas classes; o mundo mudou a maneira de ensinar também. As novas tecnologias estão sendo incorporadas dentro da sala de aula com uso de multimídias, computadores e infográficos, tudo isso em busca de um aprendizado de qualidade.

Nesse contexto faz-se necessário refletir que o livro didático não é mais o único recurso a ser utilizado pelos professores como era no passado, ele é um dos recursos e por esse motivo deverá estar mais próximo da realidade dos educandos, almejando alcançar a todos, ele deverá nesse sentido ser utilizado de forma dinâmica, deve haver um olhar do professor sobre seu planejamento para que esse recurso se torne também eficaz como os outros recursos digitais citados anteriormente nesse estudo.

O essencial no processo de ensino-aprendizagem é a possibilidade de trabalhar o LD relacionando-o com o cotidiano do aluno é essencial. O principal problema nas escolas é a ineficácia da utilização do livro didático em sala, na medida e que apenas se memoriza os

conteúdos e não analisam os dados e as informações presentes nos textos didáticos bloqueando também a possibilidade de ampliar o conhecimento escolar.

O livro didático não está somente ligado a fatores imparciais e estáticos, mas também a fatores culturais. A cultura dos alunos contém a importância de escolher os saberes indispensáveis de serem transmitidos, trazendo sua realidade segundo seu grupo social.

Para utilizar o livro didático com eficácia em sala de aula o docente precisa considerar os conteúdos e objetivos apresentados nas unidades ou nos capítulos do LD, para se apropriar da proposta pedagógica presente neles, tornando os conteúdos mais significativos e menos descritivos.

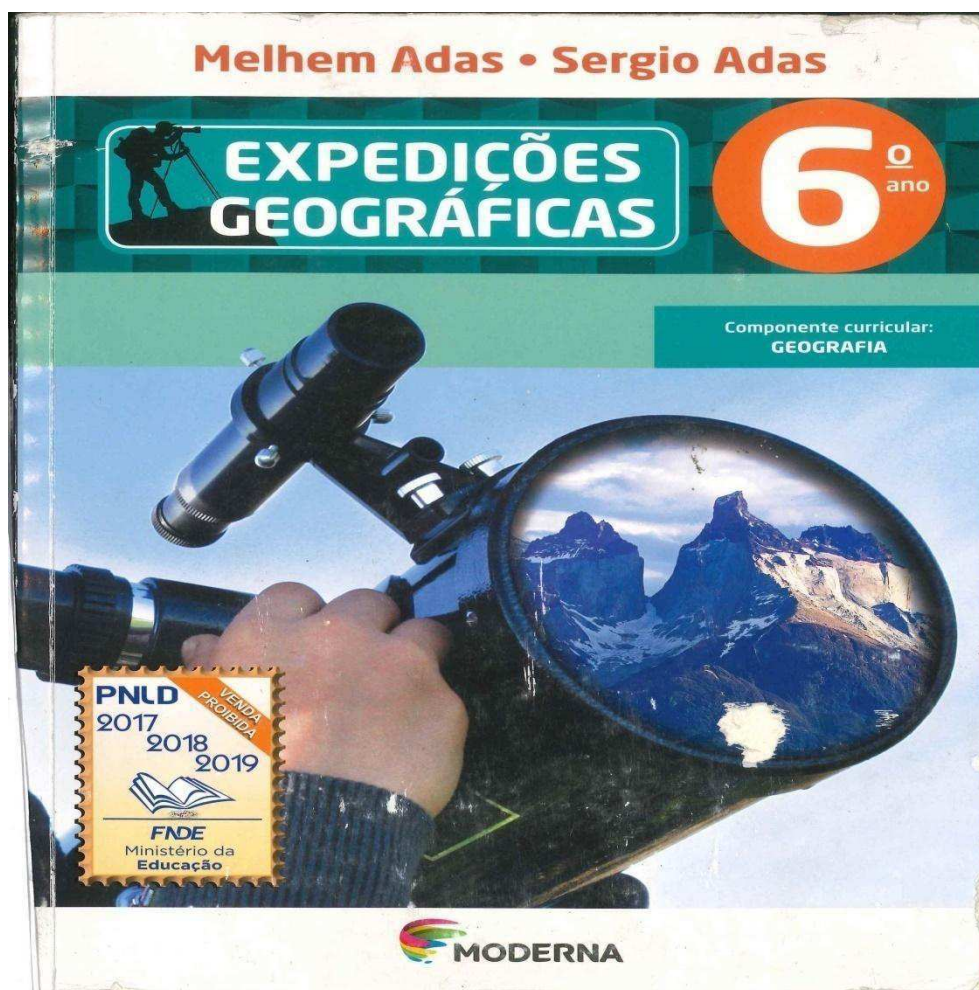
Essas considerações sobre o uso do livro didático no processo de aprendizagem podem parecer óbvias ou de senso comum, como diriam alguns pesquisadores; no entanto, podemos dizer que são necessárias para destacar a diferença entre o discurso didático em sala de aula, em sua maioria teórica, e a metodologia existente no livro didático.

3 O USO DO LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA E SEUS CONTEÚDOS NA ESCOLA MARIA DO CARMO PEDROZA MENDES

Neste capítulo discutiremos sobre a relevância e as potencialidades de se trabalharas categorias geográficas a partir do livro didático do 6º Ano dos Anos Inicias do Ensino Fundamental, utilizado na pesquisa, conforme podemos ver na figura 01, buscando um maior entendimento e significado para os conteúdos dessa ciência e disciplina escolar e a sua função no contexto escolar.

Procuraremos também refletir como trabalhar no cotidiano escolar com outros recursos como a imagem ou figura, que auxiliam no estudo do conceito de paisagem no ensino de Geografia; uma relação existente entre a teoria e a prática.

Figura 01: Livro Didático do 6º ano

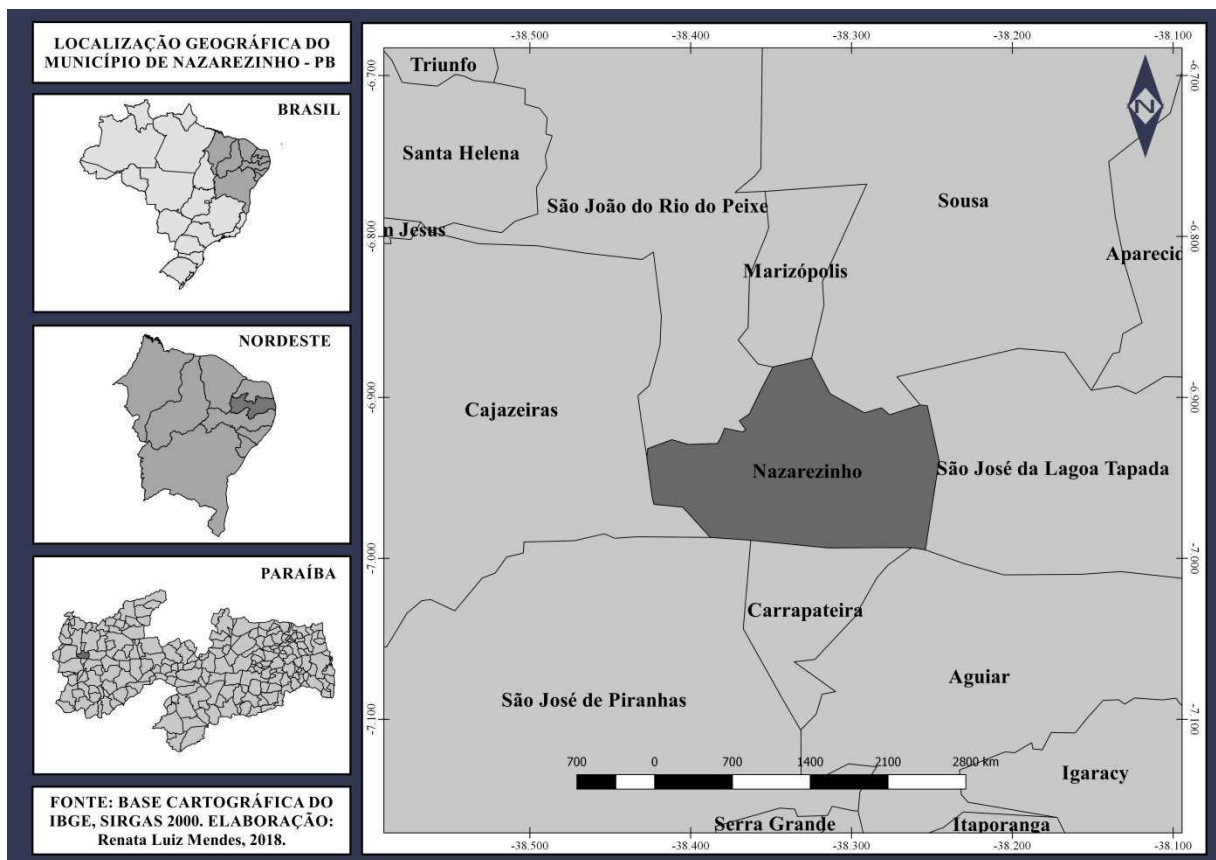


Fonte: (ADAS; MELHEM, 2015. 2ª ed.).

3.1 O Livro Didático de Geografia no Cotidiano Escolar

A escola E.M.E.F Maria do Carmo Pedroza Mendes, esta localizada na Rua Vereador Antônio Higino Filho, 01, no Bairro Lindolfo Pires, na Cidade de Nazarezinho-PB localizada entre as cidades de Sousa e São José da Lagoa Tapada . Como podemos vê no Mapa de localização do Município:

Figura 02: Mapa de localização do Município de Nazarezinho-PB



Fonte: Renata Luiz Mendes, 2018.

O livro didático de Geografia na referida escola é um instrumento muito utilizado na prática docente em sala de aula. O LD é amplamente adotado como apoio básico na organização do trabalho docente. O LD traz em sua constituição informações e conhecimentos que estão intrinsecamente ligados à disciplina lecionada. Podemos afirmar que o conteúdo proposto pelo livro didático deverá levar o aluno a entrar em contato com sua realidade e passar a valorizar o seu próprio espaço. Ele deverá trabalhar conceitos específicos da Geografia como espaço, paisagem, lugar, território, região, sociedade, natureza, cultura e

poder e oportunizar a reflexão sobre esses conceitos. O seu conteúdo deve contribuir para que os alunos compreendam o espaço geográfico.

Nesse sentido, o livro didático de Geografia possibilita ao aluno problematizar, localizar, interpretar, interagir, refletir e atuar de maneira crítica no cenário atual que é de grande complexidade, reconhecendo-se como sujeito dessas relações.

Dentro do processo educacional, o livro didático de Geografia exerce função importante e essencial para aprendizagem dos alunos, no contexto escolar. Lopes (2007, p. 208), atribui uma definição ao livro didático que é a “de ser uma versão digitalizada do conhecimento para fins escolares e/ou com o propósito de formação de valores”.

Conforme Santos e Carneiro (2006,p.206), o LD assume essencialmente três grandes funções:

[...] O livro didático assume essencialmente três grandes funções: de informação, de estruturação e organização da aprendizagem e, finalmente, a função de guia do aluno no processo de apreensão do mundo exterior. Deste modo, a última função depende de o livro permitir que aconteça uma interação da experiência do aluno e atividades que instiguem o estudante desenvolver seu próprio conhecimento, ou ao contrário, induzi-lo á repetições ou imitações do real.

Diante dessa perspectiva percebe-se que o LD funciona como um guia para alunos no processo ensino-aprendizagem. O mesmo permite que o conhecimento universal seja transmitido em linguagem escolar para facilitar a aquisição do conhecimento por parte dos alunos. Cabendo ao professor o papel de mediador desse conhecimento em sala.

Faz- se necessário enfatizar que o conhecimento não é algo pronto e acabado, mas construído ao longo dos anos. O professor deve orientar seus alunos quanto a esse fato, estimulando a aprendizagem através dos diversos recursos materiais que ele manipula em sala e o livro didático é um desses recursos. O professor deve apostar na capacidade de seus alunos, pois os mesmos são dotados de inúmeras capacidades e é dentro da escola que os mesmos devem aflorá-las.

O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD, 2008), proposto pelo Ministério da Educação (MEC), afirma que o livro didático de Geografia “não deve se constituir no único material de ensino em sala de aula, mas pode ser uma referência nos processos de ensino-aprendizagem que estimule a curiosidade e o interesse para a discussão, a análise e a crítica dos conhecimentos geográficos”. Portanto em meio aos outros recursos existentes para viabilizar a prática docente, esse é um dos recursos disponibilizado para eles durante todo o percurso escolar.

Partindo dessa ideia “O livro didático, é de fato, o principal veiculador de conhecimentos sistematizados, o produto cultural de maior divulgação entre os brasileiros que têm acesso à educação escolar”. (FONSECA, 2003, p. 49), ficando claro que o livro didático é um material bastante utilizado como elemento vinculador de conhecimento no âmbito escolar.

Com isso, é possível perceber que os recursos didáticos desempenham uma importância significativa para o ensino de Geografia. Os mesmos fornecem: habilidades, informações, motivação, avaliação, proporcionando orientação para aprendizagem. Os recursos didáticos ao serem empregados para fins pedagógicos buscam uma melhor mediação no processo de ensino. Desse modo “Os recursos didáticos são muito importantes e servem como meios para auxiliar a docência, buscando mais significância e positividade”. (BASTOS, 2011 p. 45).

Percebe-se diante dessa discussão que a prática pedagógica do professor está além do conhecimento que ele traz consigo, ela também está ligada aos materiais que ele utilizará para compor sua aula, dentro dessa perspectiva o material utilizado servirá não só de apoio, ele poderá ser determinante para a assimilação dos educandos.

Como afirma Fonseca (2010,p.3), ao lançar seu olhar sobre o livro didático para o ensino de Geografia como recurso, ele confirma que:

[...] é de grande importância no ensino-aprendizagem da Geografia, pois possibilita leitura de mapas, imagens, análise de questões de vestibular e alguns apresentam ainda indicação de filmes, documentários, sites confiáveis, enfim é uma ferramenta auxiliar, cabe ao professor saber escolher e fazer uso.

O livro didático se torna uma ferramenta importante no ensino de Geografia, pois auxilia na interpretação dos fenômenos, como por exemplo, a imagem, que estão presentes em todos os conteúdos do LD de Geografia. A imagem auxilia o docente em suas aulas e é um grande facilitador no processo de ensino-aprendizagem.

Estudar os conteúdos contidos na disciplina de Geografia é de suma importância, principalmente quando estes são relacionados à experiência dos alunos. Desse modo, podemos compreender que quando os alunos não interagem, nem compreendem o porquê de aprender determinados conteúdos, esses apenas passam a memorizá-los. O que será facilmente esquecido por eles.

Cabe ao professor, de acordo com as suas experiências e reflexões, aplicar os conteúdos de maneira a proporcionar aos alunos um conhecimento mais amplo. O principal objetivo do trabalho docente, nessa perspectiva, não é a reprodução do conteúdo sem a intencionalidade

de aproximação deste com o interesse dos alunos, mas de construir a Geografia em uma dinâmica constante.

Ao passear por um bairro ou outro espaço da cidade ou mesmo do campo, observar as construções, as mudanças nas paisagens, os elementos naturais misturados aos elementos construídos pelo homem, os alunos estarão construindo saberes e resgatando sua própria identidade. As aulas interdisciplinares, baseadas no cotidiano, podem constituir importante recurso para o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos.

Embora o livro didático seja um recurso importante para a aprendizagem formal. Um ensino fundamentado apenas no repasse de conteúdos não atende mais os anseios dos estudantes contemporâneos, os meios de comunicação são uma forma de viabilizar os conteúdos devem refletir sobre como melhorar a qualidade cognitiva, afetiva e política de seus educandos.

O conhecimento é o objetivo de toda prática pedagógica. É com esse objetivo que a escola trabalha desde os primórdios. Mudam-se as formas de ensinar e até mesmo de se aprender, mas o objetivo continua exposto diante de todos: a construção de saberes. Na Geografia existem inúmeros temas a serem abordados e refletivos, porém cabe ao professor verificar e analisar a forma desses conteúdos chegarem até os alunos para que os mesmos construam conhecimento e passem também a agir sobre o seu meio.

Sendo assim, é necessário trabalhar os inúmeros temas, contido no ensino de Geografia, os quais vão além de uma simples descrição, passando então a ser uma disciplina eficaz para a compreensão e leitura do espaço geográfico construído pelos sujeitos. Assim Callai (2009, p.84), afirma que o espaço construído resulta:

[...] da história das pessoas, dos grupos que nele vivem, das formas como trabalham, como produzem [...]. Isto resgata a questão da identidade e a dimensão de pertencimento. É fundamental, neste processo, que se busque reconhecer os vínculos afetivos que ligam as pessoas aos lugares [...] Compreender o lugar em que vive, permite ao sujeito conhecer a sua história e conseguir entender as coisas que ali acontecem.

Nesse propósito verifica-se que o professor poderá discutir as categorias geográficas e as transformações ocorridas no espaço geográfico vinculado à realidade dos alunos, relacionando os conteúdos a vida diária deles, dando ênfase ao ambiente em que os mesmos estão inseridos, levando em consideração, sobretudo os costumes, religião, hábitos de vida, entre outros.

Os lugares de vivência dos alunos estão repletos de significados, sua história, seus costumes, as construções que nele estão expostas, tudo isso faz parte de um espaço ocupado não só pelos alunos, mas por todos os viventes. É a própria história de cada um que se mistura as paisagens e o que nelas contém.

No ensino de Geografia o lugar deve ser privilegiado como objeto de estudo e construção de saberes, através de um conhecimento prévio trazido por eles, conduzindo-os ao conhecimento científico. Por meio do debate e diálogos, o aluno é inserido em sua própria história e integrado à realidade da qual o mesmo faz parte.

No que diz respeito à importância da Geografia, com base nas colocações de Brasil (2006 p.44) esse:

[...] está relacionada com as múltiplas possibilidades de ampliação dos conceitos da ciência geográfica, além de orientar a formação de um cidadão no sentido de aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser, reconhecendo as contradições e os conflitos existentes no mundo.

Com isso pode-se perceber que a ciência geográfica se estabelece nos conceitos e paradigmas que orientam a formação cidadã, ela possibilita o real entendimento das relações socioculturais advindas das transformações da sociedade ao longo dos anos. Nesse sentido, O LD de Geografia se apresenta como um auxiliador no processo de ensino-aprendizagem para professores e alunos.

3.2 Onde Encontrar Espaço, Lugar e Paisagem nos Conteúdos do Livro Didático.

O ensino de Geografia parte da ação cognitiva, mediada pelo professor, que está presente na relação entre a problematização, a sistematização e a síntese. Como afirma Cavalcanti (2003, p. 25):

A mediação do professor traduz-se no planejamento e na ação de encaminhamento das atividades de ensino, considerando que essas etapas são dialéticas e se relacionam de modo interdependente e inter-relacionado, como elementos que devem perpassar todo o processo de ensino-aprendizagem.

Por isso e para isso o professor tem um importante instrumento e recurso que é o livro didático. Para Vygotsky (2009) a formação de conceitos é um processo de caráter produtivo e não reprodutivo, ou seja, o conceito surge e se destaca a partir de uma ação complexa direcionada para a solução de alguma problematização. Essa discussão confirma o que expresso no Guia PNLD 2017 (Brasil, 2016, p.14):

Ao reconhecer a importância dos estudantes como sujeitos ativos no processo e a relevância de seus conhecimentos prévios, o cotidiano e as vivências dos estudantes dão sentido mais rico para a Geografia ensinada e produzida na escola. Daí a importância para a Geografia promover a interpretação de um fenômeno de maneira plural. Mais do que fatos, há que se propor o alargamento das formas de ver e sentir os processos que levam os espaços e a sociedade a terem as características que tem.).

Com isso vimos à necessidade de estudar os conceitos geográficos no ensino que venha a superar um papel descritivo e decorativo dos conceitos, buscando traçar objetivos e expectativas ligadas ao processo de conhecimento e desenvolvimento mental dos alunos, considerando suas características. Nessa concepção, o Guia PNLD 2017 (Brasil, 2016, p.14) ao abordar os conceitos geográficos afirma que:

Os conceitos geográficos são considerados, na Geografia Crítica Escolar, como a linguagem própria para fazer a mediação no processo de ensino e de aprendizagem. Conceitos capazes de potencializar leituras críticas e históricas do espaço geográfico. Não se admite mais, portanto, considera-se “bom professor” aquele que vence conteúdos de forma apressada, esquecendo-se de relacioná-los entre si. Menos conteúdo. Deve-se potencializar a reflexão e o estabelecimento de relações entre a sala de aula com o mundo ‘lá fora’, além de associar a mais e mais a Geografia com outros componentes curriculares.

Dessa maneira os conceitos são fundamentais no desenvolvimento do raciocínio crítico, na medida em que ajudam as pessoas a observarem os fenômenos com base em processos com a subjetividade e a generalização, elementos importantes para o trabalho com o LD nas aulas de Geografia, os quais podem servir de referência para organizar as experiências da vida cotidiana, como afirma Cavalcanti (2009), categorias de análise mediadoras das pessoas com a realidade.

Os diferentes conceitos utilizados nas categorias geográficas trazem para a Geografia e para o ensino desta disciplina a compreensão dos elementos e dos fenômenos naturais e humanos. Em outras palavras conceituar nos permite compreender e entender o mundo do qual fazemos parte.

Assim como as demais ciências, a Geografia se expressa através de diversos conceitos construídos ao longo do desenvolvimento da Ciência. Estes conceitos dão suporte ao seu campo teórico e possibilitam sua operacionalização, formando uma espécie de linguagem geográfica, que, para Lana Cavalcanti (1996), “é requisito para a análise dos fenômenos do ponto de vista geográfico”. Só através do domínio da linguagem geográfica, o aluno pode realmente entender o que estuda a Geografia e se apoderar dos conhecimentos desenvolvidos por essa ciência.

Seguindo o sumário do livro didático do 6º Ano “Expedições Geográficas” as categorias espaço, lugar, paisagem e território foram apresentados separadamente levando em consideração os conteúdos do próprio livro didático.

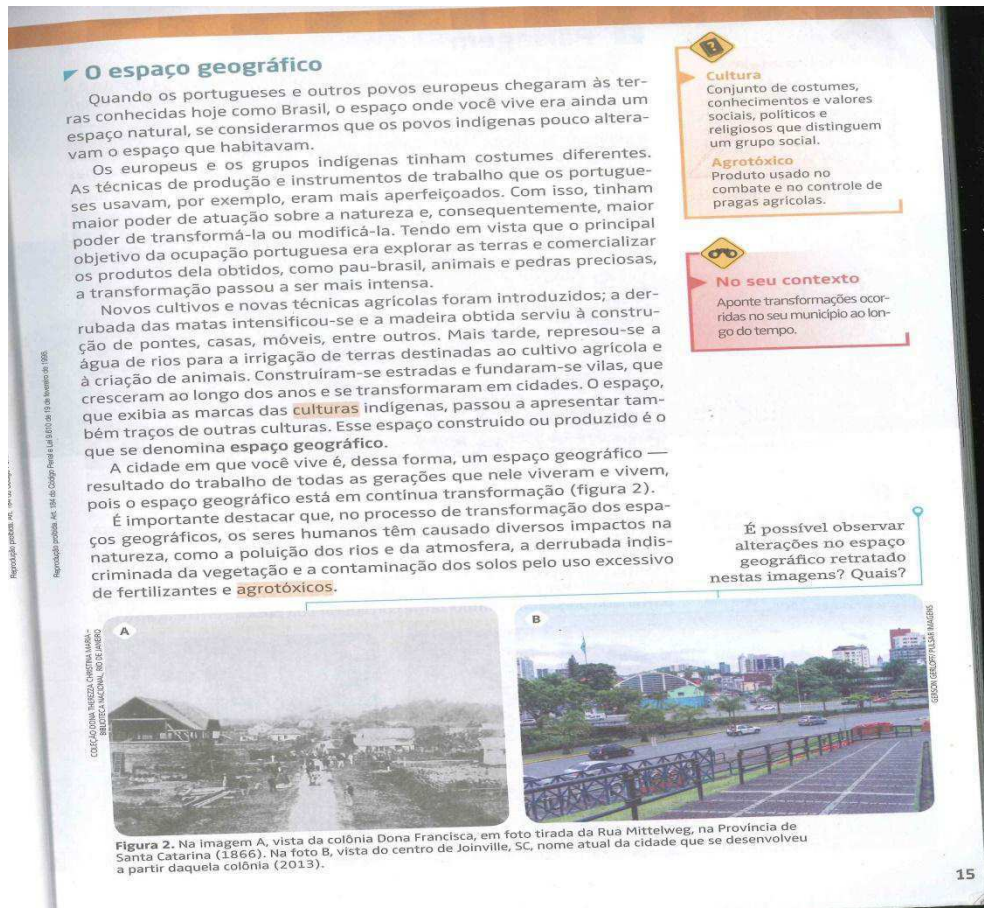
A categoria espaço, no livro didático da pesquisa, se apresenta como principal referência, pois este é trabalhado em quase todos os capítulos do LD. Através do conhecimento do nosso Planeta, orientação e localização no espaço geográfico, relevo, a Terra, onde no mesmo pode se perceber que o homem é um grande modificador do espaço geográfico através do seu trabalho e da técnica.

Percebe-se que o homem produz através do seu trabalho um local de vivência. Dessa forma, modifica a natureza através do seu trabalho e da técnica. No entanto o conceito de espaço para o geógrafo Milton Santos (1996, p.63) é:

Formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá. No começo era natureza selvagem, formada por objetos naturais, que ao longo da história vão sendo substituídos por objetos fabricados, objetos técnicos, mecanizados e, depois cibernéticos, máquinas. Através da presença desses objetos técnicos: hidroelétricas, fábricas, fazendas modernas, portos, estradas de rodagem, estradas de ferro, cidades, o espaço é marcado por esses acréscimos, que lhe dão um conteúdo extremamente técnico.

No que diz respeito à conceituação no livro didático do 6ª Ano, o que se averigua é uma abordagem de espaço intimamente ligada com referência ao tempo, para trabalhar suas transformações e com a ideia da sociedade como um agente destas transformações. Os aspectos do espaço modificado pelo homem, do espaço natural e do espaço geográfico foram expostos no livro, conforme podemos observar nas imagens do livro. Assim, a figura 02 livro didático.

Figura 03: Abordagem da categoria espaço presente no livro didático do 6^a ano



Fonte: (ADAS; MELHEM, 2015. p. 15, 2^a ed.).

O conceito de lugar pode estar ligado ao local de vivência dos alunos. Conhecer o lugar é conhecer a si mesmo, o passado, as manifestações ocorridas e as forças modeladoras de determinado local, os anseios das antigas gerações, além de possibilitar reconhecer o fragmento temporal-espacial enraizado em nossa memória, com nossos gostos, vontades e visão do mundo. O lugar é uma mística do passado e do presente que nos fornece subsídios para alavancar para o futuro.

Para Santos (1996) cada lugar é a maneira; o mundo e que a história concreta do nosso tempo repõe a questão do lugar numa posição central. Dessa maneira o lugar está veiculado a sentimento, afeto ou vínculo.

Para Callai (2004) o lugar é um espaço construído, resultado da vida das pessoas; dos grupos que nele vivem, das formas como trabalham, produzem, se alimentam e como fazem e usufruem do lazer. É a própria realidade, o lugar onde se vive caracterizado pela experiência e pelo mundo vivido.

O livro didático da pesquisa apresenta a categoria geográfica lugar como sendo “uma porção ou parte do espaço, o nosso espaço de vivência e das relações com outras pessoas no nosso dia a dia”. Traz em seu interior imagens que remetem ao lugar como local de vivência, história e lugar onde pessoas trabalham, produzem, se divertem.

Figura 04: Abordagem da categoria “lugar” no livro didático do 6^a Ano



Fonte: (ADAS; MELHEM, 2015. p. 20, 2^a ed.).

Partindo do pressuposto que a paisagem é um conjunto de elementos que podem ser observados, e que tais elementos podem ser, segundo Aziz Ab’Sáber(2003) elementos naturais e culturais, nos quais podem ser vistos em um local, considera-se a paisagem como o construído e o que pode ser observado. A partir dos distintos órgãos dos sentidos.

A categoria paisagem se apresenta no livro didático com o conceito de Milton Santos (1998) onde ele diz que paisagem “é tudo o que nossa visão alcança tudo o que está presente

no espaço não apenas a natureza, mas também elementos criados pela ação humana”. No livro didático do 6º ano a paisagem se apresenta de duas maneiras: a paisagem com elementos culturais e a outra com elementos naturais.

Figura 05: Abordagem da categoria paisagem no livro didático do 6ª ano

No seu contexto
 Descreva a paisagem que você vê ao sair de sua casa. Considere que a paisagem, além de possuir volumes, possui cores, sons, movimentos, odores etc.

2 Paisagem

Quando se fala em paisagem, muitas vezes o que vem à mente é a vista de um ambiente onde se pode apreciar a natureza, como se vê em algumas pinturas e gravuras (figura 3).

Para a Geografia, o conceito de paisagem é mais abrangente. Segundo o geógrafo brasileiro Milton Santos, paisagem é aquilo que a nossa visão alcança, tudo o que está presente no espaço, não apenas a natureza, mas também elementos criados pelo ser humano.

Figura 3. Paisagem do Rio São Francisco, do pintor holandês Frans Post (1612-1680) em sua estada no Brasil na primeira metade do século XVII.

Pausa para o cinema
Os sem-floresta.
 Direção: Tim Johnson e Karey Kirkpatrick.
 Estados Unidos: Dreamworks, 2006.
 Duração: 83 min.
 Nessa ficção, os animais de uma floresta percebem que ela está cercada por um condomínio residencial. A animação mostra a rápida transformação de um espaço natural em geográfico, sem que haja a devida consciência ecológica.

A posição do observador e a paisagem

A posição do observador influencia a maneira como ele vê a paisagem. Isso quer dizer que uma pessoa no alto de um edifício, por exemplo, vê a paisagem de forma diferente de outra pessoa que esteja na rua. No primeiro caso, a paisagem observada será bem mais extensa do que aquela vista pela pessoa que está no plano da rua (figura 4). Portanto, ao observar determinada paisagem, é importante considerar sua posição em relação a ela.

Figura 4. Na foto A, vê-se do alto a Catedral da Sé, na cidade de São Paulo, SP (2011); na imagem B, observa-se a catedral de frente, no plano da rua (2008).

Fonte: (ADAS; MELHEM, 2015. p. 16, 2ª ed.).

Dessa maneira pode-se dizer que o uso do livro didático em sala de aula deve propor ao aluno a articulação entre os conceitos da geografia escolar em diferentes situações e por meio de diferentes desafios. A Geografia escolar, nesse contexto, tenta ser um caminho para a leitura do mundo dos estudantes, tornando o professor um grande mediador no processo de ensino- aprendizagem da Geografia escolar.

3.3 A Imagem como Elemento Contido no LD: Um Recurso Metodológico para Ensinar Geografia

Ler, em Geografia, significa abrir caminhos para que o aluno compreenda o espaço que ele está inserido. Ensinar a ler o mundo é um processo que se inicia quando o aluno conhece o seu lugar e consegue identificá-lo, como afirma Castellar (2010, p.87):

Portanto, observar, registrar e analisar são processos relacionados com o significado de ler e entender, desde os lugares de vivência até aqueles que são concebidos por, dando significado as paisagens observadas, pois na leitura se atribui sentido ao que está escrito.

As imagens fazem parte do cotidiano das pessoas de formas variadas (fotos, ilustrações, charges, figuras entre outros). Logo, as mesmas enquanto linguagens visuais estão presentes nos livros didáticos e, no cotidiano dos alunos como, por exemplo, no caminho da escola, do trabalho, da igreja, dentre outros.

A imagem como recurso utilizado em sala de aula, pode ser um ponto de partida para a análise de um fenômeno que se quer estudar em Geografia, ou seja, que esteja associado ao conteúdo da aula. Com isso o aluno será estimulado a fazer observações, a levantar hipóteses em relação ao tema abordado e a definição de conceitos geográficos. Dessa forma podem-se estabelecer critérios no momento da escolha das imagens, segundo afirma Castellar (2010, p.87):

A escolha das imagens é fundamental e deve ser coerente com os objetivos propostos pelo professor. Assim, por exemplo, ao se escolher uma fotografia ou uma imagem para trabalhar a paisagem em sala de aula, é preferível que ela esteja na visão oblíqua (de cima para baixo) e nítida. Será mais fácil para observar os detalhes da paisagem.

O uso de imagens nas aulas de Geografia contribui para que os alunos se apropriem de conceitos da Geografia escolar trabalhados com atividades que resultarem em um processo de aprendizagem significativa. De acordo com Castellar (2010), o aluno aprende um conceito quando ele o utiliza em alguma situação real do seu dia a dia, e aos poucos vai internalizando e consegue em outro momento aplicá-lo em novas situações.

A imagem como recurso nas aulas de Geografia tem capacidade de tomar o lugar do texto, no entanto essas informações precisam ser descritas e associadas ao conteúdo trabalhado e ao que se espera atingir no processo de ensino-aprendizagem.

Nas aulas de Geografia as imagens, nos leva a recordar os mesmos fatos e nos desperta sentimentos semelhantes ao vivido e percebido através da imagem, como afirma Martins (2011, p.10):

O uso da imagem dentro da disciplina de Geografia é de fundamental importância e imprescindível, sendo um instrumento eficaz para auxiliar o professor em relação os conteúdos a serem estudados pelos estudantes. Sabemos que a memória visual tende a ser mais eficaz para a aprendizagem assim explica-se o uso deliberado de imagens em sala de aula, seja ela para iniciar um conteúdo ou simplesmente para ilustrar que se passado de forma expositiva e teórica dificilmente seriam compreendidos pelos estudantes.

O professor ao trabalhar com imagens no processo de ensino-aprendizagem ele pode criar um espaço mais agradável e de motivação pelas aulas de Geografia, despertando a curiosidades dos alunos por novas descobertas. A imagem funciona como um suporte para o entendimento de determinado conteúdo da Geografia escolar. O aluno ao ler uma imagem deve perceber aquilo que não está visível.

Nesse contexto a imagem se configura como um suporte para práticas inovadoras, pois vai além das aulas expositivas, do texto impresso ou do livro didático adotado pela escola, estimulando no aluno sua leitura crítica sua criatividade, sua imaginação e seu raciocínio, podendo assim ser uma leitura crítica do que está à frente dos seus olhos. Dessa forma, a utilização de imagens no processo de ensino-aprendizagem torna-se importante e eficaz facilitando a compreensão dos conteúdos nas aulas de Geografia.

4 O PROFESSOR, O LIVRO DIDÁTICO E SUA IMPORTÂNCIA NAS PRÁTICAS DOCENTES NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Diante do que já foi apresentado nesse estudo, esse capítulo traz uma discursão sobre o professor no processo de ensino-aprendizagem e o resultado da pesquisa, a partir da aplicação de questionário feito a professora do 6^a ano. Desse modo a análise dos dados se apresenta com o objetivo de compreender o ensino de Geografia e o uso do livro didático em sala de aula pelo professor.

4.1 O Papel do Professor no Processo Ensino-Aprendizagem

Pensar à docência requer compreender o professor como um profissional em ação e interação constante com os seus os alunos. Este processo permite que os saberes sejam “espalhados”, durante a atividade docente, como as sementes que são lançadas a terra na época do plantio, ambas as atividades pretendem colher frutos após determinado tempo.

O maior desafio da educação e do professor, na contemporaneidade é articular as experiências e conhecimentos prévios dos alunos e propiciar o desenvolvimento de sua autonomia, constituindo uma inteligência coletiva que promova a democratização do conhecimento e exercício pleno da cidadania.

O docente deve estar em busca de novas fontes de informações e de aperfeiçoamento de seus métodos, visando o desenvolvimento intelectual dos alunos para que estes possam atuar plenamente em sociedade, especificamente no ensino de Geografia, no qual são abordados assuntos da política, da economia, da cultura, do meio ambiente e as questões referentes à atualidade.

É de suma importância que haja uma preocupação do docente com os conteúdos que serão veiculados em sala, pois os mesmos precisam partir das experiências vividas pelos alunos e que tenham sentido para os mesmos. Diversos autores como Freire (1995) concordam que a aprendizagem tem mais significado para os alunos quando parte de suas próprias vivências.

É notório que o objetivo de uma aula é que haja aprendizado. Assim haverá aprendizado para os discentes quando seus professores lhe proporcionarem aprender de forma significativa, ensinando-os a transformar informação em conhecimento. O processo de ensino-aprendizagem, nessa perspectiva, parte de ações conjuntas entre professor e aluno e não de ações isoladas.

O melhor aliado do professor é o planejamento. Através do planejamento o professor assume a missão de gerenciar o conhecimento aplicado dentro da escola. O saber profissional do docente é plural e heterogêneo, pois é construído através de seu próprio trabalho. É no cotidiano em sala de aula que se aprende mais sobre educação, de como enfrentar os desafios da profissão, de como tomar decisões e usar o afeto, para com os seus educandos, criando proximidade com os mesmos.

Nesse sentido o professor precisa traçar um planejamento que venha subsidiar sua prática docente, para que o mesmo possa mediar à aprendizagem com segurança. “O planejamento estabelece condições objetivas e subjetivas prevendo o desenvolvimento da ação no tempo”. (VASCONCELLOS 2000, p. 79)

O enfrentamento do cotidiano escolar desafia o professor a refletir sobre a realidade e assumir o papel de formador. O professor passa a ser visto como sujeito da construção do saber, o qual se dá através das trocas de conhecimento. “Nas condições de verdadeira aprendizagem, os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador igualmente sujeito do processo”. (FREIRE, 1996, p. 26).

É relevante que se reflita sobre o processo de aprendizagem dos alunos. Para que o processo de ensinar ocorra é preciso reconhecer aquilo que o aluno traz em seu íntimo e que deseja expressar, ou seja, o que o aluno quer aprender. Esse fator é importantíssimo para a educação que se almeja em nossa sociedade. Partindo do que o aluno anseia, tornamos a educação menos técnica e mais humana. É parte do potencial natural do ser humano querer aprender aquilo que ainda não sabe, e a escola é a ponte para que o aprendizado aconteça.

Dessa maneira, o professor que no passado era o centro desse processo passa a dividir a responsabilidade do mesmo com os seus alunos. Ele pode instruir os alunos a buscarem novas informações para o seu processo de aprendizagem. Aqui fica claro que a escola não é o único lugar onde paira o conhecimento, com o advento da tecnologia ficou mais fácil para os alunos buscarem respostas para seus questionamentos fora da sala de aula.

É imprescindível que o professor desse novo contexto histórico busque novos rumos no sentido de construir uma relação harmônica com sua clientela. Ouvi-los, buscar conhecer a história de vida deles, motivá-los, buscar recursos didáticos que propiciem a interação, saber usar o livro didático em favor do aprendizado. Todo esse processo se caracteriza como um dos meios empregados para a mediação de conteúdos e saberes, visando à construção e apropriação de conhecimentos.

Para Freire (2005), "ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção". O autor enfatiza que, o conhecimento não deve ser adquirido somente através da transmissão, mas através das possibilidades criadas por seus atores para o seu pleno desenvolvimento.

Para que se tenha um ensino de Geografia que realmente agregue valor é necessário que o professor contemple aspectos do contexto geral, como também do contexto local, considerando o aluno como sujeito primordial para o processo de ensino. Fazendo com que a partir desses contextos os alunos possam compreender a dinamicidade do espaço geográfico.

A realidade deve ser estar presente nas aulas de Geografia, é compreendendo seu passado e presente que o aluno pode traçar metas para o seu futuro. A discussão do meio em que vivem dentro das instituições escolares e sobre outros fatores como a economia, a população e seus anseios, a política, entre outros, coloca o estudante diante de situações reais, obrigando o mesmo a pensar em soluções para os problemas atuais do país.

Vimos que os alunos aprendem melhor quando são estimulados para isso. As aulas de Geografia devem prender a atenção dos alunos. O professor deve ressaltar para sua clientela que o conhecimento tem utilidade, ou seja, aprender é evoluir é ter condições de agir sobre algo. Provocar os alunos é uma forma de estimular sua evolução. Instigar sua imaginação e fazer com que acreditem em seu potencial é essencial para o bom êxito do trabalho docente.

“O aprender é processo de significação subjetiva do ser, ou seja, necessita ser exercido com liberdade, e não por imposição, pela simples razão de que numa relação dialógica entre sujeitos sempre ocorrerão trocas – o processo contínuo de reconhecer o outro” (FREITAS, 2002, p.04). Nessa perspectiva os alunos precisam participar dos diversos momentos de interação, onde eles possam se expressar, colaborar e interagir nas atividades desenvolvidas pelo professor.

Conforme Vasconcellos (1993, p.35) assegura que a sala de aula é:

[...] o lugar em que há uma reunião de seres pensantes que compartilham ideias, trocam experiências, contam histórias, enfrentam desafios, rompem com o velho, buscam o novo, enfim, há pessoas que trazem e carregam consigo saberes cotidianos que foram internalizados durante sua trajetória de vida, saberes esses que precisam ser rompidos para dar lugar a novos saberes.

A sala de aula é um espaço privilegiado de vivência e de aprendizagem na qual o conhecimento flui das relações entre o sujeito e o meio, assim, dentro da sala deve haver um entendimento sobre o saber e de como esse saber deva ser partilhado por todos, já que se trata de um grupo de pessoas. Um ensino de qualidade possibilita os alunos momentos de

reelaboração do saber compartilhado, permitindo conceber um acesso crítico desse mesmo saber, os quais vão contribuir para sua atuação como indivíduo ativo na sociedade vigente.

De acordo com Callai (2003), o educando tem de ser agente participativo no processo de aprendizagem, tem o direito de construir seus saberes e o professor tem que propiciar ao aluno estratégias didático- pedagógicas criativas e atualizadas. No processo de ensino-aprendizagem por meio do ensino de Geografia, as experiências vividas vão integrando aos conceitos científicos, o que contribuirá para o desenvolvimento de um conhecimento mais sistematizado.

O ensino de Geografia fornece subsídio para que os alunos venham a compreender a complexidade da realidade vivenciada e do mundo e nele possam se localizar e decifrar o real motivo de se estudar Geografia. A organização de atividades coletivas que valorizem as experiências trazidas por cada aluno pode, nesse sentido, ajudar a desenvolver a percepção dos mesmos sobre os temas trabalhados em sala e a refletir com mais maturidade sobre o cotidiano.

Assim, pode-se dizer que ao desenvolver atividades diferenciadas com seus alunos, o professor estará propiciando a interação e a aprendizagem significativa, a qual foi citada em outro momento desse estudo. Orientar e valorizar as habilidades do aluno constitui uma preciosa metodologia de ensino que deve ser incentivada a todos os profissionais não só na área da Geografia, mas em outras áreas de conhecimento.

No que se refere ao professor de Geografia, o mesmo precisa repensar os conceitos geográficos, associando-os a vivência do aluno; precisa entender a Geografia, desvelando o mundo globalizado sem deixar de entender o local. Desse modo, o professor constrói junto com o aluno o aprendizado, compartilhando conhecimentos, dúvidas e experiências.

4.2. O Professor, o livro Didático e a Realidade em Sala de Aula

A pesquisa com o professor da disciplina de Geografia se deu através de um questionário, contendo nove perguntas discursivas. Abaixo serão descritas e analisadas as questões com o objetivo de se ter um maior embasamento para esse estudo.

Uma das primeiras perguntas feitas foi o que determinou a escolha por tal livro didático e se o mesmo atende as necessidades e todos os alunos. Em resposta nos foi apresentado que foi por apresentar os conteúdos necessários para o processo de ensino-aprendizagem dessa disciplina, mas que havia alunos com dificuldade em acompanhá-lo.

Ao fazer uma análise sobre a reposta da professora podemos observar que a escolha do LD se deu por apresentar conteúdos para trabalhar a Geografia em sala de aula de forma satisfatória. No entanto, os educadores precisam estar cada vez mais capacitados, para atuarem de forma crítica e criativa junto aos alunos, isso ocorre, sobretudo, para acompanhar as transformações ocorridas no ensino de Geografia de um modo geral.

Sobre os instrumentos utilizados em sala e se o LD era o instrumento pedagógico utilizado em sala de aula, a professora relata que não trabalha somente com o livro didático, mas também, faz uso de textos e pesquisas na internet de uma forma geral que são disponibilizados através da sala de vídeo da escola. Ao trabalhar com textos diversos de outros meios, o professor tem maiores condições de relacioná-los aos conteúdos do livro didático, favorecendo, para que os alunos compreendam melhor o conteúdo relacionando-os ao seu cotidiano.

Ainda diz que o livro didático é utilizado, em suas aulas, numa perspectiva interdisciplinar quando os conteúdos são relacionados com o dia a dia dos estudantes. Ainda mais são propostos, a partir dos textos trabalhados resumos, sínteses, exercícios elaborados pelos próprios alunos e trabalhos práticos.

Sobre o material utilizado no preparo das aulas, segundo a professora há o uso de uma diversidade de recursos no auxílio e preparação de suas aulas, entre elas: pesquisa na internet, atlas e livros da própria professora no planejamento quinzenal. Utiliza metodologias que fazem com que os alunos construam seus próprios conhecimentos, oportunizando aos alunos codificarem e decodificarem os seus espaços.

A professora afirmou que procura trabalhar ainda os conteúdos a partir da leitura de textos bases, relacionando os assuntos tratados nos livros didáticos com a vida do aluno, demonstrando na prática como certos assuntos podem fazer parte da vida dos mesmos, isso sempre que possível. Além de aos poucos ir adotando um trabalho com metodologias interdisciplinares, partindo de um tema ou assunto gerador para se chegar a um objetivo.

Sobre a dificuldade em se trabalhar com o livro adotado pela escola foi relatado que os conteúdos são repassados aos alunos, mas a professora diz que em alguns conteúdos do livro didático é preciso elaborar atividades mais objetivas e que facilite a compreensão dos alunos. Percebe-se que essa troca de conhecimento torna as aulas mais interessantes, pois permite que o aluno se posicione acerca dos conteúdos trabalhados em sala de aula.

Portanto, em sala de aula o professor assume a função de buscar meios que possa auxiliar na aprendizagem de seus alunos e que facilitem sua compreensão, de modo que estes venham a refletir os conteúdos trabalhados em sala de aula, pois “Na prática cotidiana, no

espaço de sua sala de aula o professor possa favorecer a aprendizagem escolar desenvolvendo ações de modo a ensinar seus alunos a pensar e a aprender”. (FILIZOLA, 2009, p. 35).

O que se quer alcançar é a capacidade do aluno conseguir dar significado aos conhecimentos; construindo o seu entendimento e se apropriando das ferramentas intelectuais que lhe permitam entender o mundo da vida em que está vivendo, compreendendo assim o seu espaço, lugar e as paisagens que os cercam. Dessa forma, deve-se levar o aluno a questionar sua própria realidade buscando alternativas para melhorar o seu meio. Só assim eles poderão desenvolver a capacidade de identificar, pensar e interrogar sobre diferentes aspectos da realidade e, posteriormente vão compreendendo a relação sociedade-natureza.

Sobre a prioridade dos conteúdos a serem abordados em sala, a professora descreve que os conteúdos de principal importância no ensino de Geografia são os físicos e humanos que já aconteceram e ainda refletem na sociedade atual.

Entretanto para que uma aula seja considerada boa não há uma receita pronta e acabada, o que se deve compreender é que o processo de ensino-aprendizagem pressupõe além dos conteúdos específicos da disciplina, a utilização de métodos e estratégias que viabilizem a aprendizagem tornando-se interessante aos olhos do aluno e satisfatório aos objetivos da docência.

Ao conversar com o professor sobre o modo de ensinar Geografia o mesmo disse que suas aulas se desenvolvem com a busca de conteúdos trazidos no livro didático, depois adentra as questões da atualidade. Ele busca relacionar os conteúdos estudados com a realidade dos educandos, destacando a importância do tema partindo da realidade local para realidade global.

Sobre a importância do LD como recurso didático no ensino da Geografia a Professora nos informou que o LD era indispensável porque é quem guia a organização do plano de ensino e nas preparações das aulas de Geografia.

Segundo a Professora o livro didático utilizado atende:

- Atende ao projeto pedagógico da escola
- Atende ao perfil dos alunos
- Atende às especificações da área de estudo
- Atende a sua proposta de trabalho

Quanto a metodologia a professora afirma que à utilização do livro didático de Geografia em sala de aula ocorre através de leituras, análises das imagens, dos mapas,

gravuras e tabelas, síntese, debates, estudos dirigidos e questões de compreensão. Há também exercícios no caderno e aula explicativa. No entanto, destacamos que no momento do estágio, em sala de aula, o único recurso que havia era o livro didático usado como fonte de leitura e base para à aula de Geografia.

Constata-se que os recursos didáticos utilizados pela professora em sala de aula são recursos acessíveis aos alunos, ao trabalhar tais recursos esses devem servir de mediação através de práticas pedagógicas que envolva o aluno no processo ensino-aprendizagem.

Como mencionado anteriormente, a utilização dos recursos didáticos em sala de aula proporciona instigar a participação do aluno e desenvolver o conhecimento, despertando então o interesse pela disciplina e sua participação nas aulas. Já que os “[...] recursos didáticos que facilitam a aprendizagem, esses meios despertam o interesse e provocam a discussão e os debates, desencadeando perguntas e gerando ideias”. (SANT’ANNA; MENZOLLA, 2002, p. 35).

Os recursos didáticos ao serem utilizados de maneira adequada e com objetivos traçados pelo professor em sala de aula proporcionam mais qualidade no processo de ensino-aprendizagem, facilitando a compreensão dos conteúdos escolares pelos alunos.

CONSIDERAÇÕES

Diante das evoluções metodológicas vistas na atualidade, o livro didático ainda tem sido o recurso escolar mais utilizado nas salas de aula do Brasil. Os programas institucionais sobre o livro didático, implantados depois de 1930, promoveram progressivamente a melhoria da qualidade e o acesso a esse material, que hoje tem atingido os Ensinos Fundamental e Médio.

Ao longo dessa história, o livro didático de Geografia, em termos de utilização e finalidade ao longo da sua história, mantém uma relação com o desenvolvimento da Geografia escolar. A pesquisa proporcionou fazer algumas intervenções no que se refere à disciplina de Geografia: o uso do livro didático a partir das metodologias e o papel do professor nesse processo de ensino- aprendizagem. A pesquisa foi aplicada na E.M.E.F. Maria do Carmo Pedroza Mendes da rede pública da cidade de Nazarezinho - PB.

Ao estudar o uso do livro didático “Expedições Geográficas” do 6^a Ano, tal pesquisa buscou destacar a importância do livro didático como recurso para enriquecer a aprendizagem dos alunos. Através do questionamento feito com a professora titular da disciplina percebeu-se que esse recurso, por ser acessível é utilizado por todos os alunos da sala em questão.

Percebeu-se durante o estudo bibliográfico, que embora o LD seja um dos recursos mais utilizados em sala, outros recursos também deverão fazer parte da rotina de trabalho dos mesmos, uma vez que o professor poderia utilizar com mais frequência recursos como: filmes, seminários, discussões, dramatizações tentando tornar as aulas mais significativas.

No entanto, ainda persiste um ensino baseado nos métodos tradicionais, onde um planejamento mais cuidadoso seria uma maneira de encarar as mudanças que ocorreram na Educação, beneficiando assim os estudantes com metodologias mais modernas que atendessem aos seus anseios.

Algumas metodologias poderiam auxiliar numa melhor compreensão da Geografia como parte do cotidiano dos indivíduos como as aulas de campo, por exemplo, o que tornaria o ensino mais interessante como forma de vivenciar o cotidiano e refletir sobre o mesmo nas aulas. Assim, o aluno conseguiria compreender os conceitos geográficos e os conteúdos estudados, já que esses privilegiam a realidade dos mesmos.

Podemos concluir que o livro didático está tão entrelaçado com o ensino da Geografia que chega a ser utilizado antes, durante e depois da aula. Antes da aula quando nos referimos à leitura prévia que o professor faz e a partir dela faz o rascunho da aula; durante a aula com as leituras e os exercícios propostos pelo livro didático e, depois como fonte de estudo para as

avaliações (provas) que serão utilizadas como meio de avaliar os estudantes. Dessa forma o livro didático de Geografia vem se tornando o recurso didático mais importante em sala e norteia toda a prática pedagógica dos professores e a aprendizagem dos estudantes.

REFERÊNCIAS

- AB´SABER, Aziz Nacib. **Os domínios da natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê, 2003.
- ADAS, Melhem; SergioAdas. **Expedições geográficas**. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 2015.
- AUSUBEL, D. P. **A aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel**. São Paulo: Moraes, 1982.
- BASTOS, P. Almir. Revista Geografia: Pedagógica 2.0. **Recursos didáticos e sua importância para as aulas de Geografia**. p. 44-50. Ministério da Educação FNDE Periódicos. Editora Escala Nacional. 2011.
- BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula**. 4ª Ed. São Paulo: Contexto, 2001.
- BITTENCOURT, C. M. F. Livro didático e conhecimento histórico: uma História do saber escolar. *Tese de doutorado*, Universidade de São Paulo: São Paulo, 1993.
- _____. Realidades e perspectivas do ensino de Geografia no Brasil. In. VESENTINN, José W. (org.) *O ensino de Geografia no século XXI*. Campinas, SP: Papirus, 2004.
- BRASIL.MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais – História e Geografia**. Brasília:1997.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004. (Coleção Docência em Formação – Série Ensino Fundamental).
- BRASIL. Ministério da Educação. **Guia de livros didáticos PNLD 2008: apresentação / Ministério da Educação**. — Brasília: MEC, 2007.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília : MEC/SEF, 1997. 126p.
- CACHINHO, Herculano Alberto Pinto. **Geografia escolar: orientações teóricas e práticas didática**. Inforgeo, Lisboa, n. 15, p. 69-90, 2002.
- CALLAI, Helena Copetti. **Geografia um certo espaço, uma certa aprendizagem**. 1995. 280f. (Tese de Doutorado) - Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.
- _____. Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo: A Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. Caderno Cedes, Campinas, vol. 25, p. 227-247.
- CASTELLAR, Sônia Maria. Currículo, Educação Geográfica e Formação docente: **Desafios e perspectiva**. Revista Tamoios - Julho / Dezembro-Ano II, N°.2, 2006-ISSN 1980- 4490 disponível em <http://www.ffp.uerj.br/tamoios/revistas/0602/curriculo.htm> - acesso em 10/04/2018.

_____, Sônia Maria. Ensino de geografia/Sônia Castellar, Jerusa Vilhena. São Paulo: Cengage Learning, 2011. (Coleção ideias em ação / coordenadora Anna Maria Pessoa Carvalho) 1ª reimpr. da 1ª ed. de 2010.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos (org). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Porto Alegre, p.129-142,2003.

CAVALACANTI, Lana de Sousa. Geografia, escola e construção de conhecimentos. Papirus Editora. São Paulo,1996.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.
HÖFLING, Eloisa de Matos. “**Notas para a discussão quanto à implementação de programas de governo: em foco o Programa Nacional do Livro Didático**”. In: Educação e Sociedade. Campinas, v. 21, n. 70, 2000.

FALAVIGNA, Gladis. **Inovações centradas nas multimídias repercussões no processo ensino aprendizagem**. Porto Alegre. 2009. Conceitos e Temas. 5ª edição. Bertrand: Rio de Janeiro, 2009.

FILIZOLA, Roberto. **Didática da Geografia**. Editorial Base. São Paulo. 2009.

FONSECA, Gildete Soares. **Planejamento nas Aulas de Geografia, Essencial Para o Ensino Aprendizagem**. 2010. Disponível em: <http://www.agb.org.br/xvieng/anais/index.html> acessado em 15 de março de 2017.

FONSECA, Gildete Soares. **Planejamento nas Aulas de Geografia, Essencial Para o Ensino Aprendizagem**. 2010. Disponível em: <http://www.agb.org.br/xvieng/anais/index.html> acessado em 15 de março de 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 35 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005, 42.

FREITAS, Nilson Guedes. **A relação professor aluno**. Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, 2002.

IVANEI, Maria Tonini... [et al]. **O livro didático de Geografia e os desafios da docência para a aprendizagem**. – Porto Alegre: Sulina, 2017, p. 278.

LIBÂNIO, José Carlos. **Democratização da Escola Pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. 21ª ed. São Paulo: Loyola, 2006.

LOPES, Alice Casimiro. **Currículo e Epistemologia**. Ijuí: Editora Unijuí, 2007.

RIBEIRO, Luís Távora Furtado. Currículo: formação do educador e trabalho docente. Fortaleza, UFC, 1995. (Mimeo)

MARTINS, Sinezia dos Santos. Geografia e paisagem na escola: a imagem como recurso didático para a construção de novos olhares. Guarabira 2011.

MASETTO, Marcos. **Didática: a aula como centro**. 4. ed. São Paulo: FTD, 1997. (Coleção Aprender e Ensinar).

MINISTÉRIODA EDUCAÇÃO. **PNLD**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/pnld>>. Acesso em abril de 2018.

OLIVEIRA, D.L. **Ciências nas salas de aula**. Porto Alegre: Ed. Mediação, 1999.

OLIVEIRA, D.L. **Planejamento Estratégico: conceitos, metodologia e práticas**. 18 ed. São Paulo, 2002, p.218.

OLIVEIRA, João Batista Araújo e; GUIMARÃES, Sonia Dantas Pinto; BOMÉNY, Helena Maria Bousquet. . **A política do livro didático**. São Paulo: SUMMUS, 1984.

PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. I.; CACETE, N. H. **Para ensinar e aprender geografia**. – 3. ed. – São Paulo: Cortez, 2009. – (Coleção docência em formação. Série Ensino Fundamental).

_____. de. **O ensino aprendizagem de Geografia nos diferentes níveis de ensino**. In: PONTUSCHKA, N. N. (Org.). Geografia em perspectiva. São Paulo: Contexto, 2002.

_____. **Geografia, Escola e Construção de Conhecimentos**. 7ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

PONTUSCHKA, NídiaNacib. Políticas públicas na trajetória do ensino e da formação dos professores: a construção de conhecimentos. In: _ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins de; FERREIRA, Joseane Abílio de Sousa; (Org.) **Formação, pesquisa e práticas docentes: reformas curriculares em questão**. João Pessoa: Editora Mídia, 2013, p. 433-454.

PUNTEL, G. A. Os mistérios de ensinar e aprender Geografia. In: KAERCHER, N. A. (Org.). **Geografia práticas pedagógicas para o ensino médio**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

PUNTEL, G. A. Os Mistérios de Ensinar e Aprender Geografia. In: REGO, N., CASTROGIOVANNI, A. C., KAERCHER, N. A. (Org.). **Geografia práticas pedagógicas para o ensino médio**. São Paulo: Artmed, 2007.

REGO, T. C. (1997). Vygotsky: **Uma perspectiva histórico-cultural da educação** (4ª ed.). Petrópolis: Vozes.

_____. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

_____. O ensino de Geografia: **Recortes espaciais para análise**. In: Castrogiovanni, Antônio Carlos; Callai, Helena Copetti; Schäffer Neiva Otero; Kaercher, Nestor André (Org). Geografia em sala de aula – práticas ereflexões. 4 ed. Porto Alegre, Editora da UFRGS. 2003.

ROJO, Roxane Helena R.. **Alfabetização e letramento: perspectivas linguísticas**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.

SANT'ANNA M. Ilza. MENZOLLA, Maximiliano. Didática: Aprender a ensinar. Técnicas e reflexões pedagógicas para a formação de fornecedores. Edições Loyola. 7ª Edição. São Paulo. 2002.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo razão e emoção**. Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 4, ed. 7º reimpressão, 1996-2012, p. 384.

SANTOS, Milton. **O período técnico-científico e os estudos geográficos**. In: SANTOS, Milton. Técnica, espaço e tempo: globalização e meio técnico científico informacional. 4ª ed. São Paulo: Hucitec, 1998.

SANTOS, Wildson Luiz; CARNEIRO, Maria Helena da Silva. **Livro Didático de Ciências: Fonte de informação ou apostila de exercícios**. In: Contexto e Educação: Ano 21. Julho/dezembro, Ijuí: Editora Unijuí. 2006.

SELBACH, S. (Org.) **Geografia e didática**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SHÄFFER, Neiva Otero & JUNIOR, Guilherme Reichwald et al. **A geografia no Ensino Médio**. In: CASTROGIAVANNI, Antonio Carlos et al (Org.) Geografia em Sala de Aula: prática e reflexões. Porto Alegre: AGB, seção Porto Alegre, 2003.

SILVA, Antônio Fernando G. **A construção do currículo na perspectiva popular crítica: das falas significativas às práticas contextualizadas**. 2004. 405f. Tese (Doutorado em Educação: Currículo). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 2004.

SOUZA, S. E. **O uso de recursos didáticos no ensino escolar**. In: I ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO, IV JORNADA DE PRÁTICA DE ENSINO, XIII SEMANA DE PEDAGOGIA DA UEM: "INFANCIA E PRATICAS EDUCATIVAS". Maringá, PR, 2007. Disponível em: Acesso em: 06 de maio. 2018.

SPOSITO, Eliseu Savério. **O livro didático de geografia: necessidade ou dependência? Análise da avaliação das coleções didáticas para o ensino fundamental**. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (org.). **Livros didáticos de história e geografia: avaliação e pesquisa**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006, p. 55-71.

STRAFORINI, Rafael. **Ensinar geografia: O desafio da totalidade – mundo nas séries iniciais**. São Paulo: Annablume, 2004.

TIBA, Içama. **Ensinar aprendendo: como superar os desafios do relacionamento professor-aluno em tempos de globalização**. 20ª. ed. São Paulo: Gente, 1998.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Construção do conhecimento em sala de aula**. São Paulo: Salesianas/Dom Bosco, 1993.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Planejamento Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico**. 7º Ed. São Paulo 2000, p.26.

APÊNDICES



APÊNDICE A – Roteiro do questionário aplicado junto aos professores

QUESTIONÁRIO PARA PROFESSORES

Caro Colega, o referido questionário é parte do Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Geografia e tem como objetivo conhecer a realidade de cada profissional diante do uso do livro didático no processo de ensino e aprendizagem, bem como entender os fatores determinantes das situações de usos e desusos dos mesmos. Por isso solicito que seja o mais fidedigno possível em suas respostas para que meus estudos sejam aprofundados e as análises elaboradas de acordo com a realidade vivida em nosso cotidiano escolar. Comprometemo-nos a não divulgar o nome dos participantes.

Ao responder você estará autorizando o uso de suas respostas no âmbito dessa pesquisa.

Muito obrigada por sua participação.

Renata Luiz Mendes

Data: ____/____/____

Feminino **Masculino**

Idade: _____

1- O que determinou a escolha por tal livro? O livro adotado pela escola atende a todos os alunos?

2- O livro didático adotado é o único instrumento pedagógico utilizado em sala de aula?

Se sim justifique:

Sim. Justifique

Não

3- Além do livro principal, você utiliza outros livros ou qualquer outro tipo de material no preparo de suas aulas?

() Sim, quais :

() Não

4- Existe alguma dificuldade em se trabalhar com o livro adotado pela escola? Se sim quais?

5- Quais conteúdos, são prioridades e não podem deixar de ser abordados na sala de aula?

6- Em sua prática em docente em sala de aula você faz alguma relação entre o ensino de Geografia e a realidade em que os alunos estão inseridos?

7- Você considera o livro didático um recurso indispensável ou dispensável para o ensino de Geografia? Por quê?

8- Sobre o livro didático utilizado, pode-se considerar que:

Livro Didático	Sim	Não
Atende ao projeto pedagógico da escola		
Atende ao perfil dos alunos		
Atende às especificidades da área de estudo		
Atende a sua proposta de trabalho		

9-Descreva como se dá metodologicamente a utilização do livro didático de Geografia em sua sala de aula:



APÊNDICE B – Modelo de Termo de consentimento Livre e Esclarecido

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Título da pesquisa: UM OLHAR SOBRE O LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA: ESTUDO DE CASO NO 6^a ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A PRÁTICA DOCENTE.

Pesquisador(a) responsável: Renata Luiz Mendes

Orientador(a): Cícera Cecília Esmeraldo Alves.

Instituição: Universidade Federal de Campina Grande (UFCEG)

Local da coleta de dados: E.M.E.F. Maria do Carmo Pedroza Mendes

Prezado(a) Senhor(a):

Você está sendo convidado(a) a responder às perguntas deste questionário de forma totalmente **voluntária**. Antes de concordar em participar desta pesquisa e responder este questionário, é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento. Você tem o direito de **desistir** de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalidade. A mesma tem o objetivo de analisar como o livro didático de geografia do 6^a ano do Ensino Fundamental contribui para o ensino desta disciplina, a partir da metodologia utilizada em sala de aula pelo professor. Sua participação nesta pesquisa consistirá apenas no preenchimento deste questionário, respondendo às perguntas formuladas que abordam a relação livro didático/professor, metodologia, entre outras. As informações fornecidas por você terão sua privacidade garantida por a

pesquisadora responsável. Os sujeitos da pesquisa não serão identificados em nenhum momento, mesmo quando os resultados desta pesquisa forem divulgados em qualquer forma.

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto eu, _____, estou de acordo em participar desta pesquisa, assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Data: ____/____/____

Assinatura do (a) participante da pesquisa

Assinatura do (a) pesquisador (a)